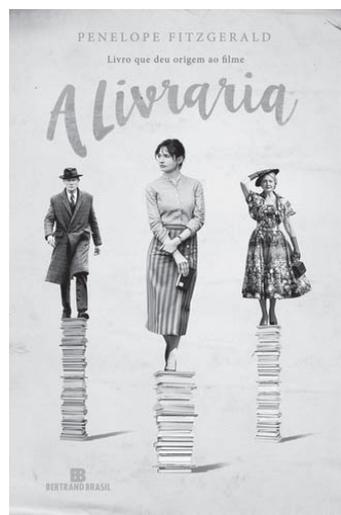


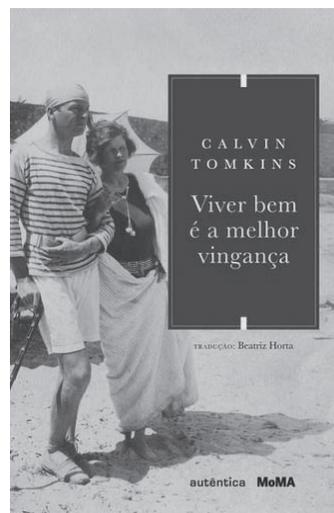
2018 - Nº 21
BELO HORIZONTE
AGOSTO

o s c r i + o s u s c o





A LIVRARIA
 Penelope Fitzgerald - Bertrand Brasil
 História de Florence Green, uma viúva que decide abrir uma livraria na pequena Hardborough e os acontecimentos seguintes ao início deste ousado projeto.



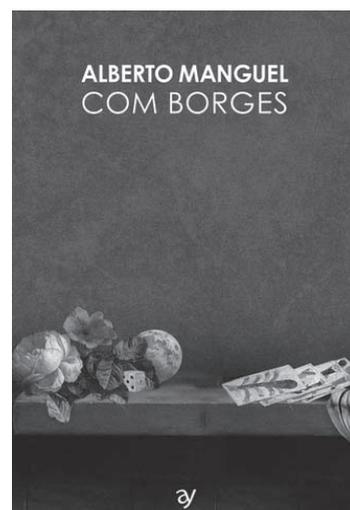
VIVER BEM É A MELHOR VINGANÇA
 Calvin Tomkins – Ed. Autêntica
 Bela e evocativa memória dos anos loucos da Paris pós-Primeira Guerra.



CANÇÃO DE NINAR
 Leila Slimani - Ed. Tusquets
 Com uma tensão crescente, trata questões relevantes de nosso tempo: as relações de poder, o preconceito de classes e o papel da mulher na sociedade atual.

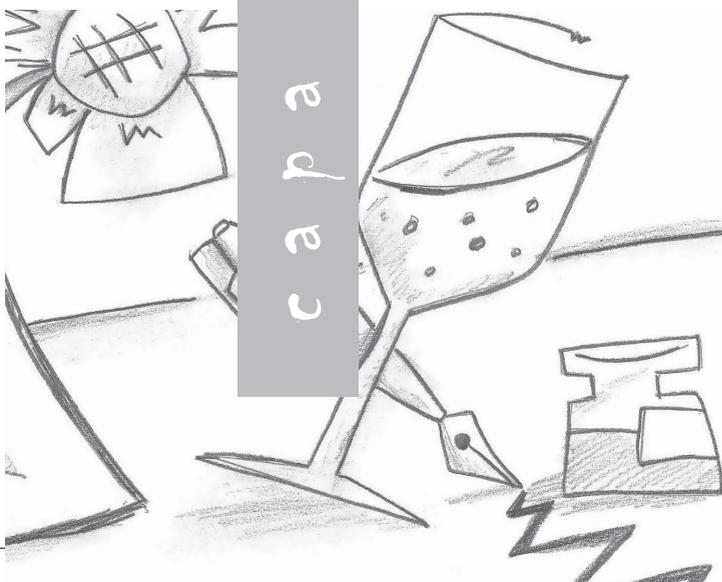


CORAL E OUTROS POEMAS
 Sophia de Mello Breyner Andresen
 – Companhia das Letras
 Com seleção de Eucanaã Ferraz, antologia joga luz em uma das vozes mais marcantes e comoventes da literatura portuguesa.



COM BORGES
 Alberto Manguel - Ed. Ayine
 Um dia, Borges, já cego, perguntou ao jovem Manguel se ele estaria disposto a ler para ele nas noites em seu apartamento. Surge uma rica relação.

Sugestões
 Livraria Ouvidor
 Simone Pessoa



Desenho
 Christiano Cândido Zerbinati
 cczerbinati@yahoo.com.br
 autor do livro "Incessante é a cor"

amalhete
 editora

contato@editoraramalhete.com.br

Rua Domingos Vieira, 319, sala 1008,
 B. Santa Efigênia, Belo Horizonte, MG
 (31) 2535-1901 - www.editoraramalhete.com.br



Bilhete a um candidato

rubem braga

Do livro: Bilhete a um candidato e outras crônicas sobre a política brasileira

“Olhe aqui, Rubem. Para ser eleito vereador, eu preciso de três mil votos. Só lá no Jockey, entre tratadores, jôqueis, empregados e sócios eu tenho, no mínimo mesmo, trezentos votos certos; vamos botar mais cem na Hípica, Bem, quatrocentos. Pessoal de meu clube, o Botafogo, calculando com o máximo de pessimismo, seiscentos. Aí já estão mil.

“Entre colegas de turma e de repartição contei, seguros, duzentos; vamos dizer, cem. Naquela fábrica da Gávea, você sabe, eu estou com tudo na mão, porque tenho apoio por baixo e por cima, inclusive dos comunas; pelo menos oitocentos votos certos, mas vamos dizer, quatrocentos. Já são mil e quinhentos.

“Em Vila Isabel minha sogra é uma potência, porque essas coisas de igreja e caridade tudo lá é com ela. Quer saber de uma coisa? Só na Vila eu já tenho a eleição garantida, mas vamos botar: quinhentos. Aí já estão, contando miseravelmente, mas mi-se-ra-vel-men-te, dois mil. Agora você calcule: Tuzinho no Méier, sabe que ele é médico dos pobres, é um sujeito que se quisesse entrar na política acabava senador só com o voto da zona norte; e é todo meu, batata, cem por cento, vai me dar pelo menos mil votos. Você veja, poxa, eu estou eleito sem contar mais nada, sem falar no pessoal do cais do porto, nem postalistas, nem professoras primárias, que só aí, só de professoras, vai ser um xuí, você sabe que minha mãe e minha tia são diretoras de grupo. Agora bote choferes, garçons, a turma do clube de xadrez e a colônia pernambucana como é que é!

“E o Centro Filatelista? Sabe quantos filatelistas tem só no Rio de Janeiro? Mais de quatro mil! E nesse setor não tem graça, o papai aqui está sozinho! É como diz o Gonçalves: sou o candidato do olho-de-boi!

“E fora disso, quanta coisa! Diretor de centro espírita, tenho dois. E o eleitorado independente? E não falei do meu bairro, poxa, não falei de Copacabana, você precisa ver como é lá em casa, o telefone não pára de tocar, todo mundo pedindo cédula, cédula, até sujeitos que eu não vejo há mais de dez anos. E a turma da Equitativa? O Fernandão garante que só lá tenho pelo menos trezentos votos. E o Resseguro, e o reduto do Goulart em Maria da Graça, o pessoal do fórum... Olhe, meu filho, estou convencido de que fiz uma grande besteira: eu devia ter saído era para deputado!”

Passei uma semana sem ver meu amigo candidato; no dia 30 de setembro, três dias antes das eleições, esbarrei com ele na Avenida Nossa Senhora de Copacabana, todo vibrante, cercado de amigos; deu-me um abraço formidável e me apresentou ao pessoal: “este aqui é meu, de cabresto!”

Atulhou-me de cédulas.

Meu caro candidato:

Você deve ter notado que na 122ª seção da quinta zona, onde votei, você não teve nenhum voto. Palavra de honra que eu ia votar em você; levei uma cédula no bolso. Mas você estava tão garantido que preferi ajudar outro amigo com meu votinho. Foi o diabo. Tenho a impressão de que os outros eleitores pensaram a mesma coisa, e nessa marcha da apuração, se você chegar a trezentos votos ainda pode se consolar, que muitos outros terão muito menos do que isso. Aliás, quem também estava lá e votou logo depois de mim foi o Gonçalves dos selos.

Sabe uma coisa? Acho que esse negócio de voto secreto no fundo é uma indecência, só serve para ensinar o eleitor a mentir: a eleição é uma grande farsa, pois se o cidadão não pode assumir a responsabilidade de seu próprio voto, de sua opinião pessoal, que porcaria de República é esta?

Vou lhe dizer uma coisa com toda franqueza: foi melhor assim. Melhor para você. Essa nossa Câmara Municipal não era mesmo lugar para um sujeito decente como você. É superdesmoralizada. Pense um pouco e me dará razão. Seu, de cabresto, o Rubem.



ORAÇÃO DOS VENTOS

Expostas no varal
as asas dos patos
e dos gansos
hão de ser,
nos dias de maio,
motivos de anjos.

simone andrade neves

Do Livro: *Corpos em Marcha*
Editora Scritpum, 2015

ACROBATA DA DOR

Gargalha, ri, num riso de tormenta,
como um palhaço, que desengonçado,
nervoso, ri, num riso absurdo, inflado
de uma ironia e de uma dor violenta.

Da gargalhada atroz, sanguinolenta,
agita os guizos, e convulsionado
salta, gavroche, salta clown, varado
pelo estertor dessa agonia lenta ...

Pedem-se bis e um bis não se despreza!
Vamos! retesa os músculos, retesa
nessas macabras piruetas d'aço...

E embora caias sobre o chão, fremente,
afogado em teu sangue estuoso e quente,
rí! Coração, tristíssimo palhaço.

cruz e souza

DIVINDADES INCÓGNITAS

Dizem
que de divindades terrestres entre nós
se encontram cada vez menos.
Muitas pessoas duvidam
de sua existência nesta terra.
Dizem
que neste mundo ou no de cima existe uma só ou nenhuma;
crêem
que os sábios antigos eram todos uns loucos,
escravos de sortilégios se diziam
que algum incógnito os visitava.

Eu digo
que imortais invisíveis
aos outros ou talvez inconscientes
de seus privilégios,
divindades em jeans e com suas mochilas,
sacerdotisas em gabardine e sandálias,
pitonisas de ar absorto à fumação de um fogo de pinhões,
numinosas visões não irreais, tangíveis,
intocadas,
vi muitas vezes
mas sempre tarde demais se tentava
desmascará-las.

Dizem
que os deuses não descem neste mundo,
que o criador não cai de pára-quedas,
que o fundador não funda porque ninguém
jamais o fundou ou fundiu
e que nós não somos mais do que os desastres
de seu nulificante magistério;

contudo
se uma divindade, mesmo de ínfimo grau,
alguma vez me roçou
o arrepio que senti me disse tudo e no entanto
faltava-me reconhecê-la e o não existente
ser se esvanecia.

eugenio montale

IMATERIAL

Só os olhos
escrevem a verdadeira palavra.
Nem a mão, nem a boca,
nem os ouvidos o sabem.
Só na página branca
se lê o sentimento livre,
luz claríssima,
que a palavra aprisiona.

marcelo xavier

mxoficinamagica@yahoo.com.br
Do livro: Tempo todo
Ed. Asa de Papel

TUDO EM POUCO

Fique por mais um instante
Ainda tem tempo
A vida está rompendo
Encontre seu melhor estado
Receba um sopro de vento.
Permaneça assim, mais um momento
Quero saber ver você
A mais rápida expressão compreender.

Espera vibrante
A fresta conduz a luz
Agora pode acreditar
A fresta a luz conduz.
Fato, já não dá mais para disfarçar.

marcus vinícius de souza

Do livro: Ecos de uma escrita
Editora Ramalhete

JANEIRO

Gosto do mês de janeiro
Por ser ele o primeiro
Do ano que vai passar
Enfeitado de sonhos e ilusões
Enche de esperança os corações
Pois é tempo de recomeçar
Janeiro de sol mais brilhante
De luar e estrelas cintilantes
Que refletem os mistérios do mar...
Eu queria que o ano inteiro
Fosse somente janeiro
Para o sonho continuar...

luzia maria raeli marchi

Do livro: Pedacos de mim
Editora Ramalhete

p o e s i a





espaço para a criatividade literária

Dagmar Braga, idealizadora do espaço cultural “Letras e Ponto”, trabalha com oficinas de escrita criativa há cerca de 30 anos. Organizou as antologias Noites de Terça, em 2008, e Oficina da Palavra, em 2011, com trabalhos desenvolvidos nas Oficinas de Literatura do Letras e Ponto. Tem textos em diversas antologias, revistas, jornais e sites voltados para a literatura. Publicou Geometria da Paixão – 2008 (finalista do Prêmio Jabuti – poesia) e Arqueologia, Editora Patuá, 2016 – poesia.

Leia, a seguir, entrevista que Dagmar concedeu a **Manuscritos**.

Como você, uma mulher, poeta e empreendedora, avalia o momento da literatura no Brasil?

Apesar do desapareço oficial por Cultura e Educação no Brasil de hoje – o que exige de nós constante vigilância e luta – e apesar de ainda haver muito a ser feito para garantir plenamente o direito de acesso ao Livro, à Leitura e à Literatura, vejo que também estamos vivendo um momento potencialmente muito rico e estimulante.

Há um incentivo maior à produção de textos e à leitura, com a ampliação de espaços de discussão sobre o fazer literário, oficinas, saraus, feiras, revistas e jornais dedicados à Literatura, bem como outros eventos - presenciais ou virtuais – que promovem maior interação entre autores e leitores, a partir de suas obras.

A Literatura passou a ter mais vida extramuros das escolas e academias, atendendo às mais diferentes demandas formais e temáticas de nossa sociedade.

Mais escritores e grupos puderam contar com a ampliação do rol de editoras de pequeno e médio porte, que cumprem o importante papel de democratizar o acesso à materialização de seus projetos.

A par disso, surgiram as possibilidades on-line de troca, de acesso a textos e de publicação.

O que a motivou criar o espaço Letras e Ponto?

Fui professora durante anos e, desde o final da década de 1970, vinha pesquisando formas de estimular os alunos a buscarem uma voz, na escrita, aguçando o olhar sobre o mundo, ampliando seu repertório e exercitando suas possibilidades linguísticas e literárias. Esse trabalho desaguou na formatação das Oficinas de Literatura que ministro até hoje. Por muito tempo, atuei em empresas, escolas e espaços diversos.

e n t r e

CONSTRUÇÃO

Lanhada a pedra,
faço-me fio,
partilho, rasgo
entranha e estranho.

Cavado o poço,
tomo-me água,
mão retorcida,
lisura e barro.

Quebrado o leme,
desorientado,
acolho vento,
maré e abismo.

Feito o silêncio,
lasso a palavra -
gume sequioso
de outra navalha.

Geometria da Paixão

Anome livros, 2008

No final de 2005, conhecedora do meu trabalho, Fabíola Farias cedeu a sobreloja da Livraria Capitu, para sediar as oficinas. E, no início de 2006, nasceu o Letras e Ponto, abrigando oficinas, saraus, debates, encontros com escritores e eventos diversos, relativos a cultura e arte.

Quais são os projetos em andamento?

A partir de 20 de agosto, iniciaremos mais uma rodada de oficinas. As noites de segundas-feiras acolherão iniciantes. Às quartas-feiras, os já iniciados. Sempre é bom lembrar que o Letras e Ponto oferece bolsas parciais e integrais, especialmente a estudantes e a professores da rede pública. (ver página do Facebook)

A promoção de saraus, encontros, cursos, discussões e degustações de Arte é também alimentada por aqueles que têm um projeto cultural e não têm onde realizar. Vários parceiros já se servem do Espaço Cultural Letras e Ponto, para a concretização de seus trabalhos.

Como professora no Letras e Ponto, você influencia na formação de autores e leitores. Qual é o papel do espaço atualmente?

Creio que o lema do Letras e Ponto explicita seu papel de promover a Arte e o Encontro:

“Sem a Arte, o mundo seria invisível.
Sem o Encontro, insustentável.”

Algum gênero literário preferido?

Quanto à escrita literária, exercito mais a poesia, embora tenha publicado alguns textos em prosa.

Quanto à leitura, todos os gêneros.

Foto: Ana Valadares



v i s t a

AVÓS

Ao ouvir sino soar.
Sacudia a carteira do Grupo escolar.
Descia em impulso a praça Henrique Vieira.
Agarrando os galhos da Chapéu de Sol.
Voava leve até a grama rasteira.
Ligeiro chegava a rua Vivili Pereira.
Rolava a beira do coreto em canto.

Passava na oficina do vô.
Pedia benção...todo...todo dia.
E lá sempre rapadura comia.
Nem mastigar mais eu queria.
Já descia para a casa almoçar.

Chegar suado e serelepeando.
Abraçava a minha doce e querida avó.
Que honra era isso não sabia!
Mas hoje eu tenho a imensa alegria.
Lembrar de tudo isso que vivi.
Lembrar de tudo que com eles aprendi.

cássio miri
miricmo@yahoo.com.br

FAGULHA

Abri curiosa
o céu.
Assim, afastando de leve as cortinas.

Eu queria entrar,
coração ante coração,
inteiriça
ou pelo menos mover-me um pouco,
com aquela parcimônia que caracterizava
as agitações me chamando

Eu queria até mesmo
saber ver,
e num movimento redondo
como as ondas
que me circundavam, invisíveis,
abraçar com as retinas
cada pedacinho de matéria viva.

Eu queria
(só)
perceber o invislumbrável
no levíssimo que sobrevoava.

Eu queria
apanhar uma braçada
do infinito em luz que a mim se misturava.

Eu queria
captar o impercebido
nos momentos mínimos do espaço
nu e cheio

Eu queria
ao menos manter descerradas as cortinas
na impossibilidade de tangê-las

Eu não sabia
que virar pelo avesso
era uma experiência mortal.

ana cristina César

OUTRO EM SI

Outrar é o temor do amor
do outro em mim

Não o conheço bem
Só o sinto aqui, ali, acolá

Não sou / os outros eu são
Outros em mim

Não são eles / são os outros em si

Manejam o barro eu
O mim nos outros

Mais vida tenho de si
Mais pó alheio,
melhor barro meu

Outrar-nos do umbigo burgues,
morte de um si em mim
Burguesia outrada, disfarces muitos
Parasita outrado
A doença do si
Em mim.

Outrar é o hífen do tempo

Deles é meu em mim
mais outro-me
Mais existo em si

O ele de mim nunca serei

Aquilo que sou
Em ti
Em si
Em nós
Em vós
Neles

Outrar é o perpétuo em si
Outrar é o fim da morte

O pouco eu basta e é muito em si

pedro olivotto

olivotto@institutoartebrasil.com

MEU SONHO

Eu
Cavaleiro das armas escuras,
Onde vais pelas trevas impuras
Com a espada sanguenta na mão?
Por que brilham teus olhos ardentes
E gemidos nos lábios frementes
Vertem fogo do teu coração?
Cavaleiro, quem és? o remorso?
Do corcel te debruças no dorso...
E galopas do vale através...
Oh! da estrada acordando as poeiras
Não escutas gritar as caveiras
E morder-te o fantasma nos pés?
Onde vais pelas trevas impuras,
Cavaleiro das armas escuras,
Macilento qual morto na tumba?...
Tu escutas... Na longa montanha
Um tropel teu galope acompanha?
E um clamor de vingança retumba?
Cavaleiro, quem és? - que mistério,
Quem te força da morte no império
Pela noite assombrada a vagar?
O Fantasma
Sou o sonho da tua esperança,
Tua febre que nunca descansa,
O delírio que te há de matar!...

álvares de azevedo

p o e s i a

Livraria
ouvidor

(31) 3221.7473 / WhatsApp: (31) 98316.5228

facebook.com/livrariaouvidor - instagram.com/livraria_ouvidor
Rua Fernandes Tourinho, 253 – Savassi - BH - MG





roupa lavada

duda lafetádudamaria@hotmail.com
<http://blogsuaui.com.br/blogdailha/>

Morri num dia ensolarado. Um desperdício. A roupa teria secado num instante. Em minha ilha o tempo é inclemente. Neva. Venta. O mar salga tudo. De pequena aprendi a não deixar roupa suja acumular. Depois que mamãe partiu, tomei para mim cuidar das roupas do pai. Descobri que só água escaldante limpava a sujeira de suas cuecas. Minhas mãos já nem reclamavam mais, tinham orgulho em esfregar tudo limpo.

Nasci desigual. Minha mão esquerda não fazia par com a direita. Veio preta. O danado é que era ela que queria trabalhar. Minha mãe não permitia que eu comesse com a esquerda. Eu usava luvas dia e noite, no verão e no inverno. Mamãe tinha agonia de me ver sem as luvas. Dizia que os outros não gostavam de ver minha mão preta. Ela também não achava bom. Quando eu era bebê, polia minha mão com sabão, creme e talco. Não adiantou. Minha mão preta aterrorizava mamãe.

A professora não deixava que a mão preta escrevesse. As crianças faziam troça de mim. Chamavam-me de malhada. Tinham medo. Achavam que se brincassem comigo, ficariam malhadas. Para elas minha dissemelhança era contagiosa.

Um dia veio um pescador conversar com pai. Disse que a mão preta era punição por algum malfeito que fiz noutra vida. Passei noites em claro tentando descobrir sobre minha outra vida. Perda de tempo. Pai nada respondeu ao pescador. Não botou o homem porta afora. Não disse palavra alguma. O pai quase nunca falava.

Pouco depois da visita do pescador, parei de ir à escola. Achei ruim não. O falatório da

professora me dava dores de cabeça. Era muita inutilidade.

Peter Pan foi tudo o que sobrou da escola. Encontrei o livro jogado no lixo da sala de aula. Capa rasgada. Páginas enebadas e amassadas. Escondi debaixo da blusa e não contei a ninguém. Achado não era roubado. Tive receio que me tomassem o livro. Lia e relia as façanhas de Peter e Wendy. Sabia de cor cada palavra, cada vírgula e cada ponto da história. Mas não gostava dela. O começo era bom: "um dia, quando ela tinha dois anos de idade, ela estava brincando em um jardim, colheu outra flor e correu com ela para sua mãe. Ela devia estar adorável, porque a senhora Darling descansou a mão no coração e exclamou: Oh, por que você não pode ficar assim para sempre! Isso foi tudo o que se passou entre elas sobre o assunto, mas, doravante, Wendy sabia que ela devia crescer. Você sempre sabe depois dos dois anos. Dois é o começo do fim". Esta parte eu sentia que era verdadeira, mas Peter Pan me deixava tonta de malquerença. Como é que ele não crescia? Não tinha bicho para cuidar? Roupa suja para lavar? Erva daninha para arrancar? Desejava em segredo que o crocodilo devorasse o menino preguiçoso, com sua conversa azucrinante de fé e de voos. Talvez minha mão fosse preta não por fado e sim por justiça. Eu era má. O pescador sem querer havia acertado. Ansiava coisas ruins.

O pai não era severo. Não ousávamos desobedecê-lo e ele não ficava bravo. Nunca se alterava. Apenas uma vez. Subi numa árvore. Ele viu minha calcinha. Ficou raivoso. Ralhou que eu já não era mais menina para ficar me mostrando



em topo de árvore. Mandou que eu buscasse uma vara. Ingênua, escolhi uma fininha. Nunca entendi como não sangrou. Minha perna ficou marcada até o dia de minha morte. Assim como minha mão nunca deixou de ser preta.

Mamãe estava sempre trabalhando. Exausta. Aprendi com ela a fazer listas. Toda noite fazia inventário de minhas tarefas: acordar, fazer o chá, torrar o pão, passar manteiga. Comer. Lavar a louça. Ir ao banheiro. Limpar os dentes, lavar o rosto e pentear o cabelo. Alimentar os bichos. Botar água para ferver. Esfregar as roupas. Estender no varal (no inverno, dependurar na janela do quarto). Virar as roupas para secarem mais rápido. Rever tudo para ver se não falta nada...

Mamãe costumava desaparecer no meio do dia, embora seu sumiço não fizesse parte da lista. Sabia para onde ela ia. Ela assentava-se num toco de árvore, atrás do barracão de ferramentas. Em seu esconderijo, fumava escondido. A fumaça devia fazer mal a seus olhos, porque eles sempre choravam. Nunca pus cigarro na boca. Meus olhos não gostavam de lágrimas como os olhos de mamãe.

Nas noites em que a cama de meus pais batia na parede, quando o barulho cessava, a casa caía num silêncio de óbito. Mamãe saía do quarto feito alma penada. Pegava o açucareiro e se agachava debaixo da mesa. Com olhos vidrados ela comia açúcar aos bocadinhos. Punha um punhado na palma da mão, abria bem a boca e jogava o açúcar na língua. Pela manhã reclamava irritada que devia ter formiga em casa. Que nunca havia açúcar que bastasse.

Numa tarde de outono, mamãe juntou as roupas que tinha. O pescador a levou. Lembrome bem deste dia. Ela me deu um abraço desajeitado. Apertado demais. Apressado demais. O primeiro e o último. Abraçou-me e falou sem se preocupar que eu escutasse: 'É que não aguento tanto mar'. Ela não disse adeus. Nunca mais tornei a vê-la. Nunca me esqueci dela. "Pode alguma coisa nos ferir, mãe? Depois que as luzes

noturnas são acesas? Nada, minha querida, as luzes são os olhos que as mães deixam atrás de si para protegerem suas crianças".

Depois que mamãe partiu, não teve mais barulho de cama batendo na parede. Não faltou açúcar em casa. Sua ausência me fez compreender. Mamãe tinha gosto por doce. O mar salga tudo em nossa ilha. Pai não chorou, não falou mais nela. Como se o tempo dela conosco nunca tivesse havido. Na primeira noite sem ela, escrevi a lista de meus afazeres do dia. Guardei as luvas num baú de esquecimentos.

Desconheço quantos anos se passaram. Pai caiu de bêbado, bateu a cabeça e nunca mais acordou. Enterraram seu corpo atrás do barracão onde os olhos de mamãe choravam.

À noite meus quadris se comportavam como as bestas nos campos. Posso falar agora que morri. Nenhuma vara vai marcar minha carne. Meu corpo se incomodava e meu sexo doía. Usava as mãos, as mesmas que esfregavam as cuecas do pai, para acalmar meu tormento. Aos poucos o folego sossegava e pegava no sono.

Queria muito saber por que tinha tanto cabelo embaixo e tão pouco na cabeça. Os fios eram finos. Nos dias mais frios sentia que já não cobriam o couro cabeludo. Provavelmente foi obra do vento, que nunca se cansou de esfolar nossa ilha. Deve ter levado os fios de meus cabelos. Quem sabe foram parar no colo de mamãe? Talvez ela os tenha recolhido. Devem estar guardados numa caixa forrada de seda. Queria acreditar na terra do nunca, "onde nascem os sonhos e o tempo nunca é planejado". Queria crer em mães amorosas. Como Wendy, cresci um dia mais rápido que as outras meninas. Ao contrário dela, nunca tive menos de dois anos de idade.

Meu existir está concluído. Acabou sem ao menos perguntar se era de meu agrado. Parei de respirar antes que tivesse a chance de lavar a roupa. Já não me importo em limpar o que está sujo. Pela primeira vez estou de acordo com Peter: "Morrer seria uma aventura terrivelmente grande".



Quando não estamos em terra firme, só podemos flutuar

daniella zupo

www.amanhahojeontem.com
 Autora do livro Amanhã hoje é ontem
 Ed. Ramalhete

Alquimia é transformar metais inferiores em ouro. Há algo de mágico e de transcendental, portanto, nessa tensão. O chumbo é golpeado para superar a sua natureza de chumbo e se transformar em ouro.

Uma das coisas que me perguntei quando me confrontei com a ideia da morte foi: “como eu tenho vivido?”. Ok, faço o que gosto, mas eu também trabalhava mais do que aguentava de verdade, carregava algumas dores como numa bagagem de mão, me alimentava correndo e nunca estava de verdade lá, quando não havia nada a fazer. Eu vivia a síndrome da pressa. E, portanto, desconectada de mim mesma, numa sucessão de tarefas a cumprir. Aí vem a epifania: eu percebi que o problema não era exatamente ter muitas coisas a fazer, mas pensar o tempo todo em quanto eu tinha a fazer. Ou nunca parar de pensar.

Encarar a morte me fez renegociar com a vida, não como quem barganha, porque não se barganha com a vida. A vida já viu de tudo e não

se deixa enganar. Mas entender que, quando chegar a hora de deixá-la, o importante será o quão intensamente eu vivi: meus afetos, minhas alegrias e minhas tristezas. E o quanto de minha alma sempre esteve ali.

A vida é esse álbum de retratos, essa história contada através de sorrisos, encontros, desencontros, festas, despedidas, viagens, amores, pessoas que cresceram, outras que já não estão mais lá.

Mas como explicar isso pra alguém que nunca compôs um álbum de retratos, nunca revelou suas fotos, deletou os fracassos e acredita que a vida é uma tentativa estéril de representar a si mesmo com perfeição?

Estamos confundindo autoimagem com autoestima. Estes são tempos em que tudo que não somos cabe num selfie. A felicidade não é status. Não é algo que o outro precise ver. A felicidade, ela mesma, a gente só enxerga olhando pra dentro. De preferência de olhos fechados.

APOIO CULTURAL

ROSSI WESTIN
 Advocacia

(31) 3546.7822 | www.rossiwestin.com.br
 Rua Paul Bouthilier, 207 - Mangabeiras - Belo Horizonte, MG



Uma produção da Editora Ramalhete

Editor	Álvaro Gentil
Coord. de Produção	Paula Pessoa
Jornalista responsável	Fernando Righi Marco
Revisão	Victoria Andery
Programação visual	Marcelo Xavier
Produção editorial	Délio Esteves
Tiragem	1.000 exemplares
Impressão	Sempre Editora

R. Domingos Vieira, 319, sala 1008 - S. Efigênia, BH
 (31) 2535-1901 / 99579-7279
 www.editoraramalhete.com.br